

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura
27 a 29 de maio de 2009
Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

ESPAÇOS PÚBLICOS PARA O ARTESANATO LOCAL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE EQUIPAMENTOS CULTURAIS DAS CIDADES DE ITABUNA (BA) E OURO PRETO (MG)

Aline de Caldas Costa¹

Resumo: O trabalho consiste em estudo comparativo entre os espaços para o artesanato nas cidades de Itabuna (BA) e Ouro Preto (MG). Em Itabuna, o olhar recai sobre o *Shopping* do Artesanato Grapiúna, palco de pesquisa de mestrado defendida em 2008; em Minas Gerais, nossa atenção está voltada para a Feirinha de Pedra Sabão, em Ouro Preto. O estudo aborda os espaços, os modelos de organização dos artesãos para uso dos referidos espaços, as possibilidades de produção e apreciação do artesanato e considera o olhar das políticas públicas municipais sobre o tema.

Palavras-chave: Artesanato – espaços culturais – políticas públicas

Considerações iniciais

Este trabalho é fonte de reflexões sobre o artesanato de cunho local, em continuidade à pesquisa de mestrado, cujo enfoque se concentrou na cidade de Itabuna, no sul da Bahia, acrescentada das observações realizadas ao longo de dois anos em que a pesquisadora se encontra em Ouro Preto (MG).

O objetivo presente, todavia, se difere daquele defendido há um ano, na Universidade Estadual de Santa Cruz, quando discute sobre as estruturas desses locais; as formas organizacionais dos artesãos para usufruto dos espaços; a apreciação turística desse bem simbólico, bem como o olhar lançado sobre esses espaços por parte das políticas públicas de abrangência municipal.

Localizada a 429 km da capital Salvador, Itabuna configura um eixo rodoviário que permite acesso a várias cidades turísticas ao sul do estado da Bahia, como Ilhéus, Una, Canavieiras e Itacaré. Apesar de incompleto o inventário de seus atrativos, em processo de execução pela Secretaria de Agricultura e Turismo do município, a cidade

¹ Graduada em Comunicação Social (rádio e TV) e mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus, BA). Pesquisadora na área de Comunicação e Cultura Popular e colaboradora do Programa Pensar a Agir com a Cultura: Curso Desenvolvimento e Gestão Cultural/ Rede de Gestores Regionais de Cultura - Belo Horizonte/Ouro Preto. Integrante do Grupo de pesquisa Identidade Cultural e Expressões Regionais (ICER/UESC). alinedecaldas@gmail.com

passou a integrar o circuito Costa do Cacau em 2002, junto ao Programa de Regionalização do Turismo. A Associação Itabunense de Artesãos – Aiart, possui cerca de 50 artesãos em atividade, sendo que, desde sua inauguração, aproximadamente 150 nomes foram cadastrados.

Ouro Preto é a principal das cidades Históricas de Minas Gerais. Palco da Inconfidência Mineira, marco na história nacional, Ouro Preto tem quase todo o seu perímetro urbano sob o título de Patrimônio da Humanidade, concedido pela UNESCO. As artes são presentes em toda parte, seja na pintura, na talha em madeira, na escultura em pedra sabão ou a conhecida cantaria². O espaço referencial para o artesanato local é a feirinha de pedra sabão, no Largo de Coimbra, defronte à imponente Igreja de São Francisco de Assis.

Naturalmente, a vocação artística e turística do segundo município deveria apontar também para mais alto nível de organização política e autonomia dos artesãos sobre a exposição e comercialização de suas obras, todavia, veremos, ao longo desse estudo, que cada cidade possui suas especificidades e que a troca, o intercâmbio de experiências, poderia ser frutífero para ambas.

O trabalho foi construído a partir de revisão de literatura, observação participante (DENCKER, 2001) e entrevistas conversacionais (ANDRADE, 1999) com representantes das secretarias de cultura de cada cidade, vinculados ao patrimônio imaterial.

Artesanato e culturas artesanais

O artesanato tem sua imagem conectada a conceitos como cultura popular, tradição, herança e identidade cultural, solução de necessidades domésticas, passatempo, diversão ou terapia ocupacional e, mais recentemente, tem sido bastante discutido enquanto atividade econômica - seja complementar a uma ocupação formal ou principal fonte de recursos financeiros. Essa multiplicidade de olhares é característica da contemporaneidade, onde se mesclam, se chocam e também, sobretudo, se negociam a

² Segundo Pereira; Liccardo e Silva (2007), a técnica da cantaria consiste em lavar a rocha em formas geométricas ou figurativas para aplicação em construções, com finalidade ornamental e/ou estrutural. trabalhos esculpidos em quartzito, tipo de pedra mais duro e resistente, em tom ocre e com matizes vermelhos, comum às pontes em arco pleno, cruzeiros, portadas, colunas, estrutura de chafarizes etc.

coexistência de diferentes saberes, fazeres, práticas, posicionamentos entre sujeitos locais e globais, enfim, entre redes sociais (MATO, 2007; BARBERO, 2004).

Mesmo com o advento da globalização e a infinidade de produtos e recursos tecnológicos em oferta aos mais variados públicos consumidores, as práticas artesanais (e a cultura popular, de modo mais amplo) não desapareceram, como se supunha durante a modernidade (CANCLINI, 2007). Ao contrário, elas permanecem e configuram alternativas de sociabilidade, construção e compartilhamento de experiências e configurações simbólicas (LIMA, 2006), resistência popular (HALL, 2003) e, especialmente, se sobressaem enquanto campo que põe em evidência os sujeitos, seus contextos, suas representações individuais e (cada vez mais) coletivas (COSTA, 2008).

O olhar empregado nesse estudo sobre o artesanato é o da ambiência de concepção, criação, desenvolvimento, uso, distribuição e construção de significados e relações sociais através de bens de características manuais. O artesanato é tomado enquanto “tecnologia que, predominantemente executada com as mãos, dá forma ao objeto, independente do fato de serem mãos eruditas ou populares” (LIMA, s.d.) e também na proposição de um conjunto de conhecimentos construído por diferentes povos ao longo de muitas gerações; um complexo ramo que se amplia, sobretudo, pelos novos detentores desses saberes em virtude dos trânsitos culturais e das novas experiências, individuais ou coletivas, cujo foco está sobre o agente produtor, o qual domina todas as etapas do processo e pode ainda multiplicar o arcabouço de técnicas, materiais e temas (COSTA, 2008; CANCLINI, 2007; PINHO, 2002).

Assim, quando falamos em culturas artesanais, estamos nos afastando de um universo fechado sobre uma tradição ou técnica rudimentar, simples e unicamente. Estamos considerando as influências dos fluxos, das trocas culturais características das culturas contemporâneas; a presença de recursos tecnológicos à disposição e que podem vir a ser utilizados quando assim permitir o crivo do artesão; a liberdade de expressar o contemporâneo, aquilo que cerca os sujeitos e os impele a representações através dessa linguagem, o valor de uso sobressaindo ao de troca (LAUER, 1983).

O *Shopping* do Artesanato Grapiúna, em Itabuna (BA)

O *Shopping* do Artesanato Grapiúna foi criado por intervenção da Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania – FICC, vinculada à Prefeitura Municipal (vale destacar que Itabuna possui apenas uma centena de anos de emancipação política). A casa que abrigou a biblioteca pública Bernadete Sinai foi reformada e entregue à Associação Itabunense de Artesãos – AIART em 2003 e encontra-se em funcionamento constante desde então.



FIG 01: fachada do Shopping do artesanato Grapiúna, Itabuna, Bahia.



FIG 02: Placa de inauguração do Shopping do artesanato Grapiúna, Itabuna, Bahia.

A política de funcionamento da casa é organizada em estrutura piramidal, contando com uma coordenação, que acumula a presidência da AIART; uma gerência, oferecida pela prefeitura municipal; e associados, que expõem seus produtos e se revezam para a sua comercialização: não há funcionários para vendas e esse posicionamento é colocado enquanto diferencial da casa, de modo que o visitante pode conhecer o artesão e a renda não é diluída entre “atravessadores”. Não há treinamento específico, embora, na gestão municipal anterior, a FICC, em parceria com o SEBRAE, tenha oferecido capacitação em vendas, empreendedorismo etc., com pouco interesse por parte do público-alvo³.

Localizada em pleno coração do centro da cidade, no Calçadão da Avenida Rui Barbosa, um dos pontos fortes de comércio popular local, a casa ainda guarda traços de sua estrutura interna inicial, característica das casas do início do século XIX, porém alargados para o novo uso atribuído. Nesse sentido, não há janelas laterais, apenas larga porta de entrada e pequeno pátio aberto entre o salão de exposição e sala da administração. Essa disposição espacial compromete a ventilação e a iluminação ambientes, dificultando o usufruto do espaço durante o intervalo das 11:00h às 15:30h, quando a circulação de pessoas no centro da cidade é aumentada.

O SAG também carece de sinalização dos ambientes e recursos de interpretação de patrimônio, em vista da existência de trabalhos confeccionados com materiais alternativos e típicos da região, como os frutos, sementes (dendê, pau-brasil etc.) e folhas e fibras (cacau, piaçava, papiro, taboa). Outro aspecto a ser observado é a limitação dos espaços descanso e apreciação dos produtos: há apenas uma mesa com dois bancos alongados que servem a artesãos e visitantes, colocados no centro da casa (local menos privilegiado de luz e ventilação), apertados entre bancadas de exposição de doces e licores, prateleiras variadas. Também a organização do acervo é pouco plausível, tanto pelo arranjo dos produtos, quanto pela manutenção dos mesmos.

Os artigos são variados, podendo ser ordenados nos seguintes blocos: fios, tecidos e bonecas de pano, fibras naturais, berimbaus, reciclagem de flora, aproveitamento de conchas, cerâmica, escultura, lapidação em vidro, conservas de pimentas, doces e licores, montagem 3D, *biscuit*, entre outros mais pulverizados. Se considerarmos que não há possibilidades de formação específica ou outro recurso para

³ Depoimento do presidente da AIART, em entrevista no SAG, em janeiro de 2007; Confere com Depoimento do presidente da FICC, em março de 2007.

garantir a qualidade dos produtos na cidade, temos a livre iniciativa e a persistência desse grupo como grande marca do artesanato grapiúna.



FIG 03: Bordados.



FIG 04: Estatuetas. "Souza"



FIG 05: Reciclagem de flora. Joelita.



FIG 06: Cofres em formato de cacau. Cerâmica. Merivaldo.



FIG 07: Montagem 3D. Gamela de madeira e materiais diversos. Merivaldo.

Tal aspecto se agudiza pela inexistência de fomento - seja por crédito, predisposição à parcerias com a iniciativa privada ou outras entidades sem fins lucrativos ou ainda pelo não alcance de políticas públicas como Cultura Viva, por exemplo.

A propósito, poucos artesãos se apropriam desse espaço para produzir seus trabalhos e aqueles que o fazem, usam de discrição e timidez, receio de que seu trabalho seja copiado ou comprometimento da ordem ambiente.

A divulgação fica por conta dos próprios artesãos, que se cotizam para impressão de *folders* e adesivos para as embalagens.

Em entrevista com o presidente da FICC, por ocasião da coleta de dados da pesquisa de mestrado, em março de 2007, verificamos que as políticas de incentivo estão no plano de elevação do artesão de expositor a oficineiro; ou de artesão a estudante em oficinas com professores vindos de outras regiões. Outro fator marcante foi o discurso proferido quanto à possibilidade de estabelecer uma atividade baseada nas experiências da Economia Criativa:

Uma coisa interessante que outro dia eu estava pensando: licores regionais, com base em frutas regionais. Tem pessoas que fazem e outro dia eu até brinquei com um deles: “você devia trazer aqui para ver se ensinava isso, licor de cacau, de leite, que se faz para beber no São João, mas a pessoa não quer, ela pensa assim: “se eu ensino, o cara aprende e me faz concorrência”. Então não há uma tradição, mas um vazio, eu chamaria de cultural less, uma demora entre a riqueza da região e o desenvolvimento cultural.

Fica clara a noção de que, para a atual presidência da Ficc, a produção artesanal de Itabuna é insuficiente para justificar um projeto com base em Cadeia Integrada ou políticas culturais voltadas para a valorização das tradições, consideradas como inexistentes na região.

Sobre isso, salientamos que há um vasto manancial de fontes apontando para a transformação do conceito de tradição na pós-modernidade, como discutimos no capítulo primeiro de nosso estudo (HALL, S., 1999; 2003; CANCLINI, 2003, HOBBSAWN; RANGER, 1984). Dada a dinâmica inerente à cultura e às identidades culturais, as tradições são reconfiguradas, combinando elementos do passado e atuais em sua composição; são ressignificadas, reunindo carga folclórica a potencial econômico; são reinventadas, representando variadas gerações de um dado território e características globais e locais.

Tomemos como exemplo o caso dos licores, referido pelo entrevistado Flávio Costa. A produção de licores à base de frutas típicas, como o jenipapo e o cacau é tradição das festas juninas regionais e integra o repertório identitário local. É uma tradição que permanece - embora os períodos de clima frio tenham se encolhido na região – especialmente pelo valor econômico e cultural que encontram frente ao turismo. Portanto, trata-se de uma tradição ressignificada para além do autoconsumo, sobretudo, ampliada para fins de sustentabilidade.

Há que se destacar que esses licores estão disponíveis para degustação e compra no SAG e que há também inúmeras iniciativas de produtores independentes, comercializadas através de divulgação boca a boca, fora do contexto da Aiart (COSTA, A., 2007).

Retomamos a necessidade de reunir os agentes para avaliar se os mecanismos de política cultural municipais estão adequados à realidade itabunense. Talvez a prioridade seja a consolidação dos produtos disponíveis atualmente. O repasse dos saberes poderia configurar como consequência da valorização e elevação da qualidade do produto artesanal local.

Olhar diferente do proferido pelo atual presidente foi divulgado pela própria Ficc no relatório *Cultura 2001-2004*: veja o que nossa cidade fez: “uma das prioridades da Ficc é o artesanato grapiúna. Itabuna possui grandes artesãos” (FICC, 2004, p. 32). E mais

Existem muitos agentes culturais em Itabuna. Cabe ao poder público dar apoio e estimular os seus desempenhos. A melhor forma de apoiar as ações culturais é patrocinando e apoiando os nossos criadores, investigando a nossa história e os seus agentes, enfim, criando meios para que a alma de nosso povo se mostre e se solidifique (p. 7)

Para finalizar, perguntamos como a questão da cidadania – presente no sobrenome da entidade – é trabalhada junto aos projetos culturais em Itabuna.

Ah, isso nós trabalhamos muito com os grupos. Por exemplo, o que se chama genericamente de “tradição negra”. Faz congressos, participa, incentiva essas manifestações que eles fazem. Uma coisa que ficou em minha cabeça quando eu vim morar em Itabuna, no dia 13 de maio, saíam um grupo de pessoas de cor, em carroças, pelas ruas da cidade inteira cantando: “hoje, dia 13 de maio, negro não é mais lacaio...” Isso se acabou! Morreu a pessoa responsável e acabou. Procurou-se os descendentes para ver se a Ficc daria... Mas houve uma resposta incrível. Eu chamei um grupo de cultura negra aqui e eles disseram “Ah, não vamos mais discutir a Princesa Isabel, não” Uma reação estranha! E essa família que fazia essa manifestação, o senhor morreu, acabou!

Não foi citado, em nenhum momento, a existência de mecanismos legais no município que garantam ao trabalhador cultural algum recurso em caso de privação da sua força de trabalho, tampouco sobre a regulamentação da profissão, o que de pronto anularia a atual e crítica situação de informalidade desse agente economicamente ativo.

Também não foi mencionada neste item – da cidadania – a questão do artesanato como patrimônio cultural imaterial, prevista no artigo 216 da Constituição Brasileira (1988), o qual versa, dentre outras questões, sobre a criação de mecanismos de identificação, proteção, estímulo à produção e acesso à informação por parte do agente produtor. O debate sobre patrimônio imaterial coloca o agente produtor na condição de prioridade junto às políticas de desenvolvimento socioeconômico e reconhecimento da propriedade intelectual coletiva, considerados grandes passos para a garantia dos direitos de cidadania da classe artesã brasileira. Tal ponderação demonstra, afinal, a incorreta compreensão do conceito de cidadania junto ao principal órgão de gestão cultural do município.

A Feirinha de Pedra Sabão, em Ouro Preto (MG)

A Feirinha de Pedra Sabão de Ouro Preto está localizada no Largo de Coimbra, defronte à Igreja de São Francisco de Assis, coração do centro histórico de Ouro Preto. O Largo de Coimbra abrigou o primeiro mercado municipal, em estrutura de palha e madeira; depois o mercado em alvenaria, demolido pelo poder público em função da reformulação das políticas de preservação do patrimônio cultural instauradas no Brasil na década de 1930, sob o argumento de que o estilo neoclássico do prédio não harmonizava com o cenário barroco predominante na cidade.

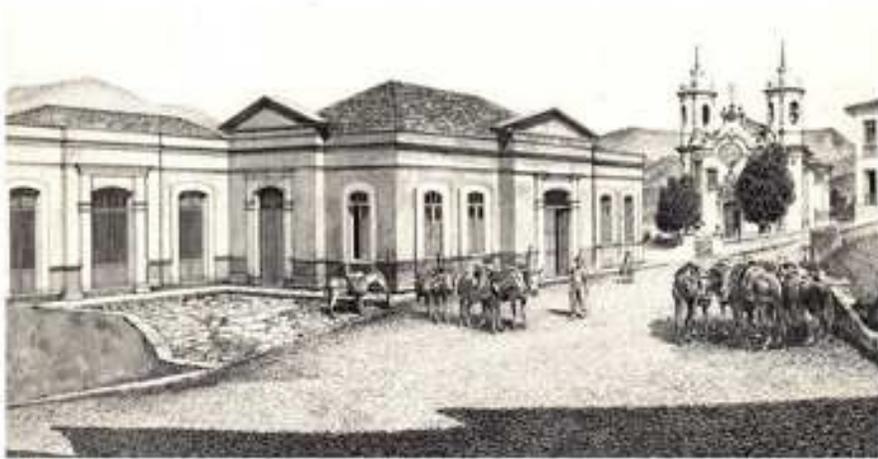


FIG 08: Antigo mercado municipal de Ouro Preto, no Largo de Coimbra, no início da década de 1930.

Fonte: Vieira, Liliane de Castro, s.d.

Para esse espaço, foi criado um projeto de local de convívio social, que privilegiava a vista da cidade e a necessidade de espaços arborizados de natureza coletiva (VIEIRA, s.d.).

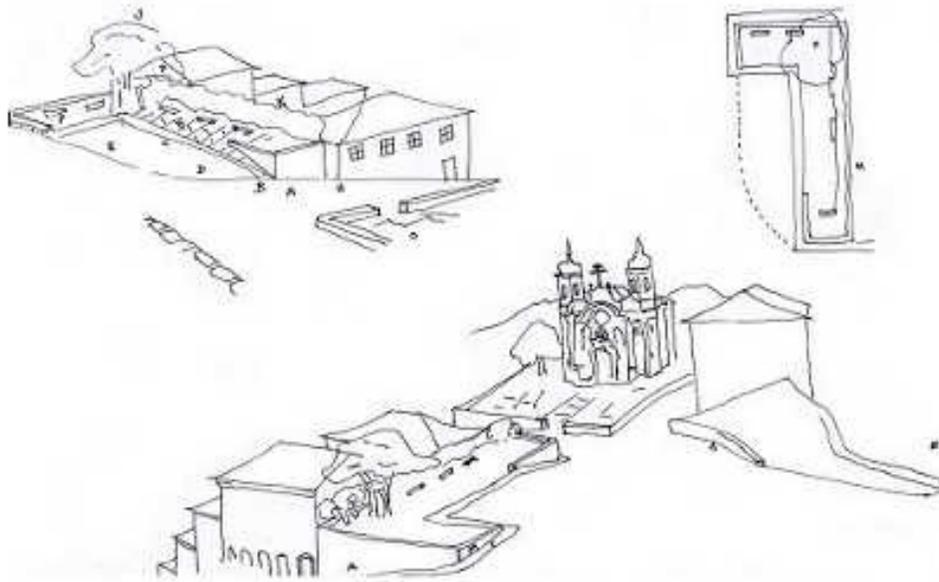


FIG 09: Largo do Coimbra, Ouro Preto, “Anteprojeto para o aproveitamento da área resultante da demolição do mercado, Ouro Preto - SPHAN”. Fonte: Vieira, Liliane de Castro, s.d.

Não se tem registro sobre a data em que a feirinha se formou. O que se sabe é que, durante a segunda metade do século XX, especialmente em meados da década de 1980, Ouro Preto recebeu grande número de *hippies*, que ocupavam o largo de Coimbra para expor trabalhos artesanais. O exemplo foi seguido por artesãos locais e, atualmente, a Feirinha de Pedra Sabão se constitui numa ocupação irregular.



FIG 10: Largo de Coimbra com vista para a Feirinha de Pedra Sabão, em fevereiro de 2007



FIG 11: Detalhe de barraca da Feirinha de Pedra Sabão.
Fonte: Eduardo Mezzonato, in
www.panoramio.com/photos/original/5510577.jpg

Os produtos são em geral decorativos ou utilitários, com destaque para os porta-jóias, vasos, jogos de tabuleiro (resta 1, xadrez, damas), porta-incenso etc. Também é possível encontrar esculturas em temas variados, como o Cristo redentor, dragões

chineses, entre outros. A exposição é permanente, sujeita à intempérie, pois o espaço está em local a céu aberto, resguardada à noite por vigilantes.

O visitante adentra as barracas dispostas em fileiras apertadas e não há locais para descanso, recursos de sinalização ou interpretação de patrimônio, tampouco para contemplação da paisagem ambiente.

Embora se trate de espaço público, para expor artesanato na Feirinha de Pedra Sabão de Ouro Preto é preciso “comprar” uma vaga de um expositor que a ocupou há mais tempo. Para isso, não é necessário ser artesão, inclusive é comum a presença de atravessadores que compram os trabalhos nos distritos da cidade e vendedores contratados informalmente, dentre alguns artesãos que produzem ornamentos em peças torneadas.

O poder público municipal, representado pela Secretaria de Cultura e Turismo, não oferece respaldo a essa manifestação, reconhecendo que a ocupação é irregular e que tal ambiência deve servir à comunidade enquanto local de convívio e lazer⁴. Embora os ocupantes desse espaço não sejam associados, há um forte movimento de resistência frente ao prenúncio de formalização dessas atividades, dado o início das atividades da criação do Paço da Misericórdia – Centro de Artes e Fazeres de Ouro Preto. A SCT é parceira da Agência de Desenvolvimento Econômico e Social de Ouro Preto – ADOP, na restauração do prédio da Santa Casa/Asilo São Vicente de Paula, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que, após a necessária intervenção, servirá a tal propósito com as devidas providências regulamentares.

Considerações Finais

Diante das singularidades de cada modelo de espaço para o artesanato local, em atenção à possibilidade de expansão das atividades cultural e turística, referente às cidades em questão, destacamos algumas observações passíveis de troca e intercâmbio para melhorar as experiências locais.

O formato de organização gestora adotado de na cidade de Itabuna, chamado auto-gestão, embora ainda contando com duas posições hierárquicas (coordenação e gerência), se aproxima bastante da proposta das redes sociais (RIBAS JR, 2007;

⁴ Entrevista conversacional, realizada por telefone com representantes do setor de promoção cultural da SCT, que sugeriram a não citação de nomes.

COSTA, L.; JUNQUEIRA, V.; MARTINHO, C.; FECURI, J., 2003), que pode vir a impulsionar ações colaborativas e de impacto coletivo em médio e longo prazo.

Infelizmente, em Itabuna, as ações articuladas entre Ongs e governo ainda são incipientes e os mecanismos de incentivo à cultura são pouco explorados. O modelo sul-baiano ainda carece de profissionais capacitados na área de gestão cultural, de modo a facilitar processos de parcerias e melhoramentos na gestão: consultorias para melhorar a organização do acervo; incubadora de projetos de parcerias para e com o grupo, respeitando a identidade e peculiaridades do mesmo, estimulando a produção e mobilização, difusão de informações e viabilizando novos contatos e articulações entre os diversos setores, institucionais ou não, estabelecendo diálogos com o poder público e privado, entidades sem fins lucrativos que atuam no setor, troca de experiências para melhorar a qualidade dos produtos; captação de recursos, apoio jurídico e contábil.

Quanto ao modelo de ouropretano, destaca-se o poder de voz da comunidade que ocupa o espaço do Largo Coimbra, que permaneceu firme e irredutível ao longo de tantos anos; destaca-se também a nobre iniciativa da OSCIP ADOP, na intervenção sobre um bem cultural tombado e em grave estado de risco, demonstrando a capacidade gestora e propositiva da sociedade civil organizada, que ainda é vista enquanto sonho na região grapiúna.

Vale destacar que, enquanto as ações de Itabuna se estabelecem ainda em nível micro, quase que isoladas dentro da AIART, em Ouro Preto, há uma grande mobilização e expectativa para que o Paço da Misericórdia – Centro de Artes e Fazeres de Ouro Preto seja um espaço de usufruto democrático, aberto a variados atores sociais em defesa das artes e artesanato regional, como ocorre em Itabuna.

Referências

- ANDRADE, M. A. A. de. **Cultura Política, Identidade e Representações Sociais**. Recife: FJN, Ed. Massangana, 1999.
- BRASIL. Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania. **Cultura 2001-2004: veja o que nossa cidade fez**. Itabuna: Ficc, 2004.
- CANCLINI, Nestór García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 2007.
- COSTA. A. de C. **Artesanato e turismo em Itabuna (BA): dois estudos de caso à luz da Economia Criativa**. Mestrado em Cultura & Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus, 2008

- _____. Os doces e licores artesanais da literatura sul-baiana e sua relação com o turismo à luz das Indústrias Criativas. *In: Caderno Virtual de turismo*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2007.
- COSTA, Larissa; JUNQUEIRA, Viviane; MARTINHO, Cássio; FECURI, Jorge. **Redes** - uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização. Brasília, WWF-Brasil, 2003
- DENCKER, A. de F. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 5. ed. São Paulo: Futura, 2001.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (Org); Tradução de Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Tradução de por Celina C. Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- Vieira, Liliane de Castro. **Largo do Coimbra, Ouro Preto: a trajetória de um espaço frente ao pensamento moderno e à política de preservação da SPHAN**
<http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/Liliane%20de%20Castro%20Vieira.pdf> s.d.
- LAUER, Mirko. **Crítica do artesanato: plástica e sociedade nos Andes peruanos**. Tradução de Heloísa Vilhena de Araújo. São Paulo: Nobel, 1983.
- LIMA, Ricardo Gomes. **O povo do Candeal: sentidos e percursos da louça de barro**. Programa de pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ, 2006
- _____. **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda?** Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, s.d. Disponibilizado em www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf Acesso em Ago/2008.
- MATO, Daniel. Cultura, comunicación y transformaciones sociales en tiempos de globalización. *In: Cultura y Transformaciones sociales en tiempos de globalización. Perspectivas latinoamericanas*. MATO, D.; MALDONADO FERMÍN, A. (Orgs.). 2007 Disponibilizado em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/campus/mato/intro_mato.pdf Acesso em Ago 2008.
- PINHO, M. S. de. Produtos artesanais e mercado turístico. *In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (Org). Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: UFMG; Território Brasílis, 2002. p 169-180.
- RIBAS Jr., Fabio. O conceito de rede colaborativa local. **Projeto “Rede Colaborativa Sabará”**. Disponibilizado em: <http://www.prattein.com.br/prattein/texto.asp?id=151> Acesso em Mai/2007